

O COTIDIANO DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO: A DIFÍCIL E CONFLITIVA DIVISÃO DE TAREFAS E RESPONSABILIDADES ENTRE HOMENS E MULHERES

INTRODUÇÃO

A idéia de pesquisar nesta área decorre do fato de que a atual família nuclear urbana e a instituição do casamento passam inequivocamente por momentos difíceis. Daí, a necessidade da investigação contínua das expectativas e percepções acerca da instituição do casamento, procurando coletar subsídios para a busca de soluções que amenizem as conseqüências advindas da situação de crise por que passa o casamento contemporâneo. De fato, profundas mudanças de ordem sócio-econômica e cultural vêm trazendo o casamento contemporâneo a um estado caracterizado como de crise, principalmente dado o aumento do número de separações, a tal ponto que, aproximadamente, cinqüenta por cento das uniões tendem à ruptura em alguns anos (Coontz, 1997; Epstein, 2002), números estes, que se mostraram estáveis ao longo dos últimos trinta anos (Demo, 2007) Embora estes números refiram-se especialmente à cultura norte-americana, pesquisas realizadas nos grandes centros urbanos ocidentais indicam a mesma tendência, variando apenas a magnitude da taxa em questão. No Brasil, por exemplo, tomados os dados relativos aos anos 90, o número de divórcios triplicou, enquanto o de casamentos de papel passado diminuiu em 12% (IBGE, Censo demográfico de 2000). Além disso, evidências anedóticas relativas às populações de classes carentes, que residem nas cidades grandes ou em sua periferia, mostram igualmente que a crise do casamento não se atém apenas a determinado tipo de cultura/classe social (Jablonski, 1998). E, finalmente, em seu censo mais recente (2005), o IBGE afirma que hoje, no Brasil, dá-se uma dissolução nupcial para cada três casamentos.

Some-se a isso a observação de que, ainda nos EUA, $\frac{1}{4}$ das crianças de hoje estarão sendo criadas, ao menos momentaneamente, por apenas uma figura parental, e que aproximadamente 20% dos nascituros estão vindo ao mundo fora do esquema tradicional. Dados compilados pela Universidade da Califórnia, Berkeley, mostram que em 1993, apenas $\frac{1}{4}$ das famílias americanas podia ser considerada “tradicional”: pais casados com uma ou mais crianças presentes (Woods, 1998). Além disso, $\frac{2}{3}$ de todas as mulheres americanas casadas com filhos já participam efetivamente da força de

trabalho, o dobro das taxas referentes aos anos 60 (Coontz, 1997). No Brasil, 38% de toda a mão-de-obra é feminina (dados do IBGE, censo de 2000).

Esses números revelam, a nosso ver, mudanças significativas no âmbito da família e do casamento. Duas das mais antigas instituições sociais da humanidade, que já enfrentaram ao longo dos tempos toda sorte de desafios, parecem estar vivendo uma época delicada que merece, no mínimo, cuidados e estudos especiais. De certa forma, a própria definição de família está em questão, já que o modelo familiar, herdado dos anos 50, onde o pai sai para trabalhar e a mulher fica em casa, dedicada ao lar e aos filhos, parece estar, como vimos acima, deixando de ser hegemônico. E na verdade, este modelo do pai provedor/mãe dona-de-casa, dividido em rígidas esferas e visto como “tradicional”, foi, historicamente, apenas uma primeira versão do que chamamos de família moderna (Skolnick, 2006).

Assim, hoje em dia, em todos os grandes centros urbanos ocidentais, encontram-se em maior ou menor número famílias (a) nas quais pai e mãe trabalham fora, (b) compostas por pais e/ou mães em seus segundos casamentos, (c) de mães solteiras que assumiram – por opção ou não – a maternidade e passaram à condição de “famílias uniparentais”, (d) de casais sem filhos – por opção ou não -, (e) de casais que moram juntos sem “oficializar” suas uniões, e (f) de casais homossexuais. Todas as formas alternativas se contrapõem ao modelo tradicional, e vão redefinindo na prática o conceito de família ou as expectativas quanto ao casamento tradicional. Ainda segundo o IBGE (2000), 47% dos domicílios estão organizados em torno de formas nas quais, no mínimo, um dos pais está ausente.

Nos trabalhos realizados anteriormente, como já o citamos na introdução do presente trabalho, pudemos observar junto a nossas amostras mais jovens algumas atitudes e percepções dignas de nota (Jablonski, 1998, 2003) relacionadas ao fato de que, apesar da “crise”, a maioria dos sujeitos esperava vir a se casar; à importância dada à virgindade feminina, em que pese a imagem divulgada pela mídia, a alguns quesitos ligados à emancipação feminina, avaliados distintamente por homens e mulheres, a uma idealização do “amor romântico” como salvaguarda e “cura de todos os males”, à persistência de dupla moral em questões relativas à sexualidade e uma ambivalência com relação à monogamia (atitudes favoráveis, comportamentos nem tanto). Os jovens também manifestaram críticas à união de seus pais, girando em torno da excessiva submissão da mãe, da rotina dominando a relação, da falta de diálogo entre os pais e da existência de doses substanciais de conflitos.

ENTRE AS PROPOSTAS IGUALITÁRIAS E AS PRÁTICAS TRADICIONAIS

No presente estudo, mudamos um pouco o foco, retomando em parte nossa pesquisa de 1988 e tendo como proposta pesquisar o funcionamento da vida cotidiana dos casais sob a ótica da divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos, face às conseqüências do movimento de emancipação feminina.

Acreditamos, em consonância com a vasta literatura a respeito (Artis e Pavalko, 2003; Coontz, 2005; Diniz, 1996; Féres-Carneiro, 1998; Goldenberg, 2000, Rocha Coutinho, 2003, 2004 e 2007; Thistle, 2006 e Vaitsman, 1994), que este movimento veio transformar profundamente as relações de gênero, em função da entrada maciça da mulher no mercado de trabalho e de suas conseqüências – casamentos mais tardios, diminuição no número de filhos, maior autonomia e independência por parte das mulheres e um aumento de conflitos gerado pela busca da igualdade de direitos.

O fato é que o ingresso substancial das mulheres no mercado de trabalho provocou uma profunda alteração nos papéis tradicionalmente desempenhados no casamento. O homem provedor e a mulher encarregada da organização da casa e da educação dos filhos deram lugar a dois trabalhadores remunerados, mesmo que, eventualmente, as atividades profissionais sejam realizadas dentro do lar. Parecem cada vez menos freqüentes os arranjos matrimoniais em que apenas um dos parceiros encarrega-se sozinho do sustento da família. As mulheres voltam-se, mais e mais, para o trabalho fora de casa, não só porque ele possibilita atingir um padrão de vida melhor para a família como pelo fato de o sucesso profissional ser encarado como uma forma de realização pessoal e social (Goldenberg, 2000; Rocha-Coutinho, 2003; Thistle, 2006). Em conseqüência, o número de horas despendido na tarefas realizadas em casa diminuiu sensivelmente nos Estados Unidos, Canadá e na Europa (Jacobs e Gerson, 1998). Some-se a isso uma escalada perceptível da quantidade de horas dedicadas ao trabalho fora de casa por pessoas na faixa etária compreendida entre 25 e 45 anos, normalmente, pais com filhos pequenos (Daly, 2001).

No Brasil, babás e empregadas domésticas “fazem uma diferença”, no sentido de suprir em parte a ausência das mães que se dedicam mais substancialmente ao trabalho fora de casa, ainda que haja dúvidas acerca do número real de lares que incluem a presença de empregadas domésticas. Para Araújo e Scalón (2005), por exemplo, apenas 7,5% dos domicílios brasileiros contariam com a presença de uma empregada doméstica, morando ou não na residência, e para o IBGE (2000), um pouco mais que

isso. Sendo estes dados reais ou não, é preciso, sem dúvida, contextualizar os resultados das pesquisas e estudos feitos nas culturas onde não há este tipo de mão-de-obra disponível, ao contrário do Brasil e de outros países da América Latina.

A par das diferenças culturais, temos que, na contrapartida deste movimento já firmemente consolidado, parece persistir uma visão conservadora dos papéis dos cônjuges no que se refere às tarefas domésticas e à responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos. Assim, por exemplo, para Russel e Radojevic (1992), menos de dois por cento dos pais compartilham das tarefas de cuidar das crianças em condições de igualdade com as mães, e a proporção de homens “altamente envolvidos” neste tipo de tarefas não chega a 10%. Em 2000 segundo pesquisa levada a cabo pela CNSR (reportado no Jornal *Le Monde*) 80% dos pais, apesar do discurso igualitário, na prática, não participam em quase nada no que diz respeito à educação e aos cuidados infantis e muito menos dos afazeres domésticos. A pesquisa em questão, após entrevistas com mil pais, confirma a noção de que, entre as bem intencionadas atitudes igualitárias e a prática do dia-a-dia, a distribuição de tarefas dentro de um lar ainda é bastante marcada pela divisão sexual, com as mulheres arcando com a maior parte delas.

Araújo e Scaflon (2005), após ampla pesquisa realizada em 2003, contando com 2000 domicílios em 24 estados brasileiros, chegaram à mesma conclusão, ao constatar que a divisão sexual do trabalho doméstico entre nós ainda continua sendo majoritariamente uma atribuição feminina. Assim, para estas autoras, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não implicou em uma divisão mais igualitária dos trabalhos domésticos, ainda que haja indícios de uma maior participação masculina no que diz respeito ao cuidado com os filhos (mas não nas tarefas domésticas).

Rocha-Coutinho (2003, 2004, 2005) aponta igualmente em suas pesquisas que – a par de um discurso social igualitário – tanto homens como mulheres cariocas parecem endossar o ponto de vista (com diferentes níveis de consciência) de que a casa e os filhos são ainda responsabilidade maior da mulher, cabendo ao homem o provimento financeiro. Artis e Pavalko (2003) lembram que ao aumento da taxa de mulheres na força de trabalho deveria corresponder uma queda em seus níveis de atividade dentro do lar, somada a uma divisão de trabalhos intra-lar mais equilibrada entre homens e mulheres. Mas as mudanças neste sentido têm se mostrado muito pequenas e insatisfatórias, do ponto de vista feminino, em que pese a observação de que entre gerações mais jovens estaria havendo uma distribuição mais igualitária de

afazeres e responsabilidades domésticas, a reboque de concepções de vida ideologicamente alinhadas com uma visão de papéis de gênero mais igualitária.

Coltrane (2000) concluiu, a partir de suas pesquisas, que apesar das contribuições masculinas nos afazeres dentro do lar estarem aumentando, as mulheres ainda trabalham pelo menos duas vezes mais que os homens cumprindo as tarefas rotineiras do lar: cuidar das crianças, lavar e passar roupas, fazer compras no supermercado, limpar a casa, etc. Para este autor, as conseqüências dessa injusta divisão estão, freqüentemente, em sentimentos de injustiça, sintomas de depressão e de insatisfação com o casamento, por parte das mulheres. Da mesma forma, uma maior participação masculina nestas tarefas seria um excelente preditor de satisfação marital. A percepção de que estaria havendo uma injusta divisão de tarefas levaria, pois, a um sensível aumento de conflitos e à diminuição da satisfação marital (Blair, 1988; Greenstein, 1996; Kluver, Heesink e Van de Vliert, 1996; Lavee e Katz, 2002).

Fuwa (2004) lembra que, por um lado, houve progressos na área, de vez que a participação feminina nas tarefas domésticas vem caindo substancialmente. Assim, por exemplo, entre os anos 60 e 90, o número de horas despendidas neste tipo de tarefas teria caído pela metade para as mulheres e dobrado, para os homens norte-americanos (Bianchi e cols, 2000). De outro, persiste a noção de segregação por gênero, já que caberia à mulher a responsabilidade por inúmeras tarefas domésticas tidas como “essencialmente femininas”. Esta concepção, ancorada em vieses culturais solidamente enraizados em sociedades patriarcais, superaria a influência mais individual relacionada aos cônjuges - ligada à educação, ganhos individuais, status e disponibilidades temporais -, fazendo com que predomine a visão tradicional de divisão de tarefas. Isto é, a realidade macro-social sobrepujando a micro-social no que diz respeito à assunção de tarefas dentro do lar.

Em nossos estudos anteriores, notamos igualmente (Brasileiro, Jablonski e Féres-Carneiro, 2002; Jablonski, 1988, 1996, 2001, 2003), no que diz respeito às atitudes, um crescente interesse dos homens em participar, cada vez mais, da educação e dos cuidados com os filhos. Porém, ao passarmos para o campo dos comportamentos, ou seja, da ação propriamente dita, a divisão de tarefas torna-se utópica, como se houvesse uma promessa de mudança que não é cumprida, circunstância capaz de gerar frustração nas mulheres.

Pleck (1997) confirma, em suas pesquisas, que a mulher tem convocado – ao menos tentado -, cada vez mais seu companheiro a participar, ao menos, dos cuidados

destinados aos filhos. O autor encontrou fatores que podem ajudar ou atrapalhar o envolvimento do pai, como, por exemplo, a idade (filhos pequenos sensibilizam mais do que adolescentes), o sexo dos filhos (meninos também parecem receber mais atenção dos pais) e o dia da semana (fins-de-semana parecem o momento mais apropriado para que o pai exerça a sua função). Mas de acordo com Russell e Radojevic (1992), Greenstein (1996) e Milkie e Peltola (1999), em consonância com a maior parte dos estudos realizados, as mulheres continuam responsáveis pela grande maioria dos cuidados infantis.

Dentre os motivos para a manutenção deste *status quo*, estariam a maior disponibilidade de tempo por parte das mulheres – a par de muitas mulheres também estarem trabalhando fora de casa –, a questão dos recursos relativos, pelos quais a alocação de trabalhos domésticos refletiria as (desiguais) relações de poder entre homens e mulheres, e finalmente, a questão de gênero, fortemente embasada por um viés ideológico que atribui à mulher boa (má...) parte dos serviços domésticos como um todo (Bianchi, Milkie, Sayer e Robinson, 2000).

Esta situação de disparidade de papéis é vivenciada pelas mulheres, aparentemente, de forma dolorosa, uma vez que há uma promessa no ar de igualdade de funções, alimentada por atitudes dos próprios homens, ocasionando uma expressiva fonte adicional de conflitos dentro de uma área já suficientemente carregada de problemas. Diante deste quadro, muitas mulheres sentem-se traídas e sobrecarregadas, visto que a divisão igualitária dos papéis, que é belíssima na teoria mas que não acontece na prática, contribui para que a mulher sinta-se cada vez mais solitária em suas funções diárias (Jablonski, 1998). Por outro lado, no entanto, Araújo e Scalon (2005), em seu estudo já citado por nós anteriormente, com pessoas predominantemente de baixa renda, reportaram baixos índices de conflito ocasionado pela discrepância entre o que homens fazem em casa e o que as mulheres esperam que eles façam. As autoras aventam a possibilidade da existência de tensões significativas, ainda que as mesmas não se traduzam em conflitos explícitos entre homens e mulheres.

Outros pesquisadores reforçam com seus dados a diferença entre opiniões e ações. Coverman e Sheley (1986) observaram, em seus estudos sobre a década de 60, que os homens despendiam apenas ralos quinze minutos diários nos cuidados dos filhos. Demo (1992) confere uma nota de alento ao verificar que de lá para cá a participação masculina tornou-se mais efetiva, principalmente entre os pais com menos de 30 anos de idade ou aqueles com filhos em idade pré-escolar. No entanto, o próprio autor

reconhece que as mudanças não têm sido as esperadas, embora a participação dos pais – ao contrário dos trabalhos levados a cabo por Pleck (1997) - tenda a aumentar à medida que os filhos crescem, com adolescentes recebendo mais atenção do que bebês, uma vez que pais não amamentam e nem mães costumam acompanhar os filhos em jogos de futebol.

Para Jacobs (2004), um modelo mais igualitário, excelente na teoria, tem trazido na prática inúmeros problemas, em função de expectativas e responsabilidades ainda sob forte influência de papéis de gênero predeterminados. Desta forma, papéis mais tradicionais estariam sempre competindo com as escolhas mais contemporâneas, o que levaria a uma confusão acerca de que paradigmas seguir. Isto estaria levando os membros dos casais à formulação de expectativas irrealizáveis, bem como a sentimentos mútuos de incompreensão, de ressentimento e, finalmente, de rejeição.

Assim, o que um significativo conjunto de estudos tem demonstrado é que inúmeros aspectos da vida cotidiana parecem continuar imputados à responsabilidade feminina. Em consequência, os casais parecem vivenciar um conflito entre as propostas igualitárias modernas e as práticas hierárquicas tradicionais. Para Henriques (2003), o individualismo e o igualitarismo de hoje em dia, ao conviver com as diferenças ainda existentes entre os sexos, podem provocar um alto nível de conflitos entre os membros de um casal.

A presente pesquisa pretende, pois, debruçar-se justamente sobre estes aspectos da vida em comum, investigando como a alteração de papéis resultante da emancipação da mulher vem se refletindo na organização interna dos lares, averiguando até onde as mudanças de atitudes e idéias acerca do papel feminino concretizam-se numa efetiva divisão das tarefas domésticas (discurso x prática), se existe ou não a denominada “tripla jornada de trabalho da mulher” (incluído os gastos em tempo e energia na esfera dos cuidados em torno da beleza) e ainda em que medida esta nova realidade vem acrescentando pontos de atrito à vida conjugal.

Em complemento, ainda com o foco no *background* social, alguns tópicos vão ser igualmente sondados, na medida em que a urbanização e as demandas do que entendemos por uma sociedade pós-moderna também desempenham papéis de peso no processo em questão. A ênfase no individualismo, o aumento da longevidade (que permite que hoje em dia até três gerações convivam por um período maior de tempo, expandindo a influência proporcionada pelos segmentos mais idosos da população sobre os mais jovens, no que diz respeito à transmissão de valores, regras morais e pautas de

atuação) e a percepção do casamento como uma *instituição em transformação* são fatores que, ao interagirem, provocam igualmente significativas alterações na avaliação do casamento e da família e na vivência dos papéis sexuais (Manning e cols., 2007; Thornton e Young-DeMarco, 2001).

Da mesma forma, os avanços na tecnologia também não podem ser desprezados no que diz respeito à avaliação dos tópicos que nos concernem, pois em diversas áreas as inovações concorrem para alterar de várias formas as relações familiares. Assim, a pílula anticoncepcional, o aparelho de microondas, a internet, o celular, TVs a cabo, VCRs e DVDs modificaram, em menor ou maior grau, uma gama de atividades ligadas à sexualidade, à diminuição das tarefas dentro do lar (e a conseqüente maior disponibilidade para a execução de tarefas fora do lar) e à comunicação (facilitando ou dificultando o processo de interação entre casais). Novas tecnologias - além de alterar não apenas hábitos relativos à ida a bancos, compras e comunicação, mas também aqueles relativos à interação social, tanto inter como intra-familiar -, também podem acirrar as contradições entre tarefas do lar e demandas do mundo do trabalho, à medida em que pagers, celulares e o acesso à internet tanto reforçam vínculos familiares quanto se prestam à “intromissão” do trabalho, colocando as pessoas acessíveis a demandas de patrões ou de colegas de trabalho, borrando os limites entre os mundos da casa e do trabalho (Daly, 2003; English-Lueck, 2001; Mack, 2001).

OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivo maior pesquisar o cotidiano do casamento de jovens casais que se dividem entre a vida familiar e a profissional. Procuramos investigar como, na contemporaneidade, se dá entre os membros de casais urbanos de classe média a negociação de tarefas dentro do lar, face às novas demandas impostas pelo desenvolvimento do movimento de emancipação feminina.

Assim, face à dupla jornada de trabalho e às dificuldades demonstradas pelos homens em compartilhar de forma mais igualitária as tarefas ditas domésticas (cuidar da casa e das crianças, fazer compras, arrumar, lavar e passar, entre outras atividades), é de se esperar um aumento considerável de conflitos dentro dos casamentos de hoje. A existência (e em que grau) de atritos, e a forma como os cônjuges lidam com estas demandas antagônicas - fruto da herança de papéis de gênero tradicionais em conflito com as perspectivas contemporâneas mais igualitárias - foi o foco principal do presente estudo.

RELEVÂNCIA

Diante das altas taxas de divórcio e das múltiplas modalidades de conjugalidade presentes em nossa sociedade, julgamos ser necessário o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem o entendimento das questões relacionadas ao casamento e à vida em família.

Uma das principais mudanças no cenário sócio-cultural deve-se ao movimento de emancipação feminina e suas conseqüências, dentro e fora dos lares. No que diz respeito às alterações domésticas, o descompasso entre atitudes e comportamentos, tanto por parte dos homens quanto das mulheres, revela-se um ponto de crucial importância no que tange às expectativas e ao que deve ser feito, tanto em termos de constituição da família, quanto da busca da manutenção dos laços afetivos em níveis satisfatórios.

As questões de gênero – face ao importante papel da mulher na organização familiar, na transmissão de modelos e na educação dos filhos em um novo contexto sócio-econômico, marcado pelo ingresso maciço das mulheres na força de trabalho - e as novas configurações familiares e conjugais da contemporaneidade, aliadas à necessidade de se produzir uma literatura nacional sobre família e casal, conferem, a nosso ver, singular relevância ao estudo do tema em questão.

METODOLOGIA:

Para atingirmos os objetivos propostos, utilizamos uma metodologia qualitativa para avaliar as expectativas – e os comportamentos - de membros de casais acerca de uma série de tópicos relativos ao cotidiano da vida em comum.

Sujeitos

Vinte (20) membros de casais heterossexuais de classe média, com idades entre 30 e 45 anos (com pelo menos 5 anos de união), que ambos trabalhem fora de casa, e com a condição de terem ao menos um filho.

Instrumentos e procedimentos

Lançamos mão de uma metodologia qualitativa, cujo instrumento utilizado é uma entrevista semi-estruturada, para avaliar as expectativas e os comportamentos de casais acerca de uma série de tópicos relativos ao cotidiano da vida em comum.

A entrevista foi realizada na residência dos casais, com cada um dos membros entrevistado separadamente em cômodos distintos, sendo gravada e transcrita na íntegra, tendo duração aproximadamente de trinta minutos por cônjuge. É importante frisar que as informações ditas não foram reveladas ao parceiro, bem como a utilização de nomes fictícios para identificá-los em nossa pesquisa por motivos de privacidade e éticos, não havendo vínculos de afetividade entre o entrevistado e o entrevistador, para que este não inibisse algum tipo de resposta, diminuindo variáveis que poderiam afetar nossos futuros resultados.

Seis grupos de temas foram abordados (informações gerais sobre o entrevistado, opinião sobre o casamento e a educação dos filhos, lazer, vida doméstica cotidiana, cuidado dos filhos e apreciação pessoal sobre a divisão das tarefas), procurando abranger ao máximo nosso objetivo. Não foram feitas perguntas ligadas à intimidade do casal ou qualquer outro tema considerado embaraçoso.

ANÁLISE DOS DADOS

Para a devida avaliação do material obtido através das entrevistas, procedemos à uma análise do conteúdo, como proposto por Bardin (1979), entre outros autores. Assim, as categorias de análise foram estabelecidas a partir dos dados logrados nas entrevistas, embora a própria seleção de temas (mencionados acima) tenha contribuído para a constituição das categorias.

RESULTADOS:

Entrevistamos quarenta (40) pessoas (vinte casais), seguindo o roteiro (v. anexo), com os seguintes resultados:

Com relação à nossa amostra, a média de idades das mulheres foi de 33,45 anos e a dos homens, foi de 38,22 anos. A duração média dos casamentos é de 9 anos e metade da amostra tem 2 filhos e metade tem 1 filho, sendo que 2 homens não têm filhos, mas exercem a função de padrastos.

Os entrevistados tinham profissões as mais variadas, sendo predominante o exercício do trabalho fora de casa, com jornada pré-fixada. No caso dos homens, contamos com engenheiros, administradores, economistas, comerciantes, consultores, dentre outras profissões. Entre as mulheres predominaram advogadas, comerciantes e

artistas. Os homens despendiam segundo seus relatos – no trabalho fora de casa - em média 9,4 horas por dia, enquanto as mulheres 7,5 horas.

Opinando sobre **o que faz durar um casamento**, os entrevistados referiram-se a *Respeito e Amor* (em primeiros lugares), *companheirismo e cumplicidade*. Curiosamente, houve uma inversão nos fatores apontados por parte entre homens e mulheres, com estas valorizando mais o *respeito* do que o *amor* e os homens, o inverso. Esses resultados vão de encontro às crenças de que mulheres seriam mais românticas e idealizadoras que os homens. Estudos levados a cabo por psicólogos sociais nas últimas décadas, no entanto, têm evidenciado que esta distinção, surpreendentemente, pode pender para o “outro lado”. Isto é, homens é que seriam mais românticos, apaixonando-se primeiro e subscrevendo, comparativamente, mais mitos e crenças a respeito (“amor verdadeiro é para sempre”, “sabemos quando encontramos a pessoa certa”, “existe a mor à primeira vista”, etc.). As mulheres, por sua vez, teriam uma orientação mais pragmática, levando em consideração recursos sócio-econômicos de seus pretendentes e acreditando que relações românticas devem se basear em uma sólida base de amizade (Dion e Dion, 1993; Fehr e Broughton 2001; Hendrick e Hendrick, 1995; Fehr, 2006). Outros autores, no entanto, ou ainda consideram que as mulheres sejam mais românticas (Philbrick, 1987; Stone, 1992) ou acham os resultados das pesquisas simplesmente não conclusivos (Moore e cols, 1999; Pederson e Shoemaker, 1993; Singelis e cols, 1995).

É possível que nossa pesquisa tenha refletido, em parte, estas novas descobertas que fazem do homem o gênero mais “romântico”. Outra possibilidade é a de a mulher valorizar mais o *amor* antes do casamento, passando, após alguns anos de enlace matrimonial, a acentuar a importância do *respeito*. Pode ser também que o termo *amor* esteja sendo percebido de forma distinta dentre os gêneros. Tudo isso aponta, a nosso ver, a necessidade de se pesquisar mais a fundo as diferenças de gênero no que diz respeito às visões e concepções do amor entre nós.

Outros fatores importantes para a manutenção do casamento dizem respeito à: para as mulheres, *diálogo, admiração, cumplicidade, tolerância, compreensão e o gostar*. Para os homens, também foram citados expressivamente *cumplicidade, compreensão, confiança, gostar, amizade e companheirismo*. É digna de nota – e de igual espanto - a quase ausência de referência à sexualidade. Ou os sujeitos partem da premissa que o sexo é obviamente parte integrante do casamento e que, por isso, nem precisa ser citado (“*ça va sans dire*”) ou não é um elemento importante para a manutenção do casamento (pouco provável). Pesquisa DATAFOLHA de 2007 também

chegou a resultados similares em uma amostra com mais de 2000 entrevistados, ainda que com uma pergunta um pouco diferente (“O que é mais importante em um casamento?”). As respostas mais freqüentes foram: fidelidade 38%, amor 35%, honestidade 15% e filhos 5%. Vida sexual satisfatória foi valorizada em apenas 2% da amostra. O que deve a nosso ver nortear futuras pesquisas no sentido de se procurar averiguar porque o sexo não é citado como um fator importante para a manutenção do casamento.

Entre as **vantagens de estar casado**, apareceram, em primeiro lugar, para homens e mulheres, motivos relacionados ao estar junto (companheirismo, amizade, companhia, compartilhamento, um meio contra a solidão, completude, união). Obteve destaque, entre os homens, a menção à constituição de família, o que coincide com outros estudos, como os levados a cabo por Féres-Carneiro (1998, 2001) e Magalhães, (1993), que observaram a importância, entre os homens, conferida à essa questão. Foi citada também *a grande importância das figuras parentais na criação dos filhos*, como uma das vantagens de se estar casado(a).

Igualmente no que diz respeito à segurança, tanto financeira quanto emocional, os homens, mais do que as mulheres, citaram este fator como uma das vantagens do casamento. Além disso, em consonância com um viés mais tradicional, apareceram, ainda que com menos destaque, referências a relacionados ao status social adquirido através do casamento, qualificando o estar casado como socialmente superior ao estar solteiro. Este foi um dos pontos em que observamos a voz da tradicionalidade entre os nossos entrevistados

Na indagação acerca **das desvantagens do casamento** detectamos diferenças perceptivas entre homens e mulheres. Assim, quando se referem às desvantagens de estar casado, os homens ressaltaram a perda de liberdade de uma forma mais evidente do que as mulheres, apesar destas ainda se manterem mais “presas” devido a sua tripla jornada de vida, com trabalho dentro e fora de casa, além de uma exigência estética social. Isto é, quem mais se queixa – o homem -, não é de fato quem mais perde! Já no discurso delas não houve uma resposta preponderante, mas referências de igual monta à *perda da individualidade, de privacidade e da liberdade* para tomar decisões que envolvam a vida profissional.

Apareceu ainda no discurso de homens e mulheres a convicção de que o casamento, na verdade, não apresenta muitas desvantagens. É uma “questão de

acréscimo”, segundo o discurso de um deles reproduzido, ainda que em outras palavras, por quase todos os entrevistados.

Perguntados sobre o que fariam de diferente com relação ao casamento de seus pais, observamos que a grande maioria valorizou e deu importância ao *diálogo*, além de uma maior liberdade de expressão feminina, voltando-se contra o excessivo autoritarismo masculino de outras épocas. Alguns entrevistados, notadamente os que são oriundos de famílias nas quais o casamento se desfez, manifestaram um desejo acentuado de não repetir o mesmo modelo e, portanto, tentar fazê-lo durar o maior tempo possível. Já em relação às diferenças à educação dada aos filhos, notamos novamente a importância do *diálogo* e da maior liberdade, além de procurar criar com seus filhos uma relação menos severa e muito mais amigável. No discurso masculino surgiu ainda o desejo de ser mais presente do que seus pais, demonstrando, portanto, uma maior participação masculina por vontade própria na criação e educação dos filhos.

Quanto ao lazer, os hábitos relatados pelos entrevistados são muitíssimo variados e as diferenças podem, em grande parte, ser creditadas à existência, ou não, de uma estrutura de apoio (babá, avós, empregada) no cuidado com as crianças. Em todos os casos, casais com filhos pequenos costumaram direcionar sua programação de lazer para atividades que possam ser compartilhadas pelas crianças, embora, em alguns casos, houve a menção a atividades exclusivas do casal, nas hipóteses em que o apoio antes referido se faz presente. Assim, o lazer entre os casais pesquisados é fortemente marcado pela presença dos filhos, basicamente em função da idade das crianças, todos em idade escolar, com média de 7 anos.

As atividades mais relatadas pelos sujeitos foram (para ambos os sexos): ida ao cinema e a restaurantes em primeiro lugar, seguidos de shopping, teatro e praia, geralmente incluindo as crianças.

Foi no lazer individual que observamos uma forte disparidade entre os sexos. Enquanto os homens relatam que dispõem de um tempo para estar com os amigos, sem a esposa e os filhos (o “futebol” e o “chopinho”), as mulheres relatam ter menos tempo para o lazer individual. Curioso é que, mesmo com essa diferença, como vimos acima, ainda são os homens que reclamam que querem mais tempo para o lazer individual, enquanto as mulheres, embora comentem que gostariam de ter esse tempo, não colocaram isso como uma necessidade premente.

No que diz respeito à divisão de tarefas dentro do lar, todos os entrevistados afirmaram contar com ajuda profissional para a realização das tarefas domésticas

(empregada, diarista, folguista), bem como o auxílio de familiares no que se refere ao cuidado com as crianças. Segundo a pesquisa realizada por Araújo e Scalon (2005), já citada por nós, em apenas 7,5% dos lares há o apoio efetivo de uma empregada doméstica (morando ou não na residência). Já para o IBGE (2000), 11% dos lares brasileiros contaria, oficialmente, com este tipo de ajuda. Se confirmados, estes dados sinalizam que são bem poucos os casais que podem usufruir do auxílio de outras mulheres na lida doméstica, sendo a nossa amostra um caso à parte da realidade brasileira.

Talvez seja no que diz respeito à divisão de tarefas propriamente dita que se dê a mais curiosa conclusão de nossa pesquisa. Por um lado, ambos os sexos parecem estar sendo influenciados por uma visão divulgada pela mídia e pela cultura sobre a igualdade entre os sexos, e declaram ser bastante participativos nas tarefas do lar. Esta participação dos homens se dá, em sua maior parte, nos cuidados com os filhos, muito mais do que nas tarefas da casa. Assim, mesmo em lares com empregadas, a responsabilidade sobre a organização do lar e do trabalho da empregada ainda recaem sobre a mulher.

Já as mulheres dizem caber elas o maior fardo das tarefas e responsabilidades domésticas e com os filhos, e qualificam a participação dos maridos como uma “ajuda”, na maioria das vezes, bem vinda e festejada. Mesmo cientes da disparidade na divisão de tarefas, as mulheres parecem não perceber isso como um problema e uma fonte de conflitos, o que demonstra a força da influência de modelos parentais tradicionais no que diz respeito às tarefas no lar e aos cuidados com os filhos.

Ainda com relação à divisão das tarefas domésticas, foco do nosso trabalho, questionamos quais tarefas realizadas pelo próprio entrevistado e quais as realizadas pelo cônjuge. Ao cotejarmos as informações prestadas por homens e mulheres, verificou-se que os primeiros têm uma função coadjuvante, colaborativa ou periférica, isto segundo os depoimentos das mulheres. Já os homens relataram uma participação maior do que o referido pelas mulheres. É possível que, como os entrevistadores eram todos do sexo feminino, esses homens possam ter dado respostas mais aceitáveis e agradáveis (Efeito “pavão”). Uma hipótese alternativa (citada adiante) diz respeito a uma maior distorção perceptiva por parte dos homens, que estariam avaliando sua participação de modo excessivamente favorável – supondo que haja mesmo, conforme atestam a maioria das pesquisas - uma divisão não igualitária de tarefas

Assim, segundo as respostas obtidas, as mulheres teriam mais responsabilidades com o supermercado, com a administração da casa e dos empregados e de cozinhar. Tais dados foram confirmados por seus maridos em suas entrevistas. Já os homens disseram que também vão ao supermercado e, além disso, lavam a louça, fazem pequenos consertos e executam pagamentos. As mulheres afirmaram que os homens, em sua grande maioria, não fazem nada em casa, em poucos casos executam algum conserto ou concedem algum tipo de ajuda, e apenas quando solicitados. Embora esta situação pareça injusta, já que muitas vezes a mulher tem igual ou quase carga de trabalho fora de casa que o homem, no discurso feminino nem sempre aparece um sinal claro de inconformidade com tal situação. Estes fatores nos fazem refletir se teremos que, no mínimo, refazer o título de nossa pesquisa, retirando do mesmo os termos “difícil” e “conflitiva”. Anos de socialização distinta parecem ter inculcado, mesmo em mulheres de alto nível de escolaridade, de classe média e antenadas com o discursos da pós-modernidade, a noção mais tradicional de que tarefas domésticas não precisam mesmo ser divididas igualitariamente entre os sexos.

Só em relação ao cuidado com os filhos a participação masculina foi, de fato, maior do que a relatada nas demais tarefas domésticas. Não obstante, persistiu sua característica de subsidiariedade. Observamos que as mulheres ainda dão conta da maioria dos assuntos, sendo elas que freqüentam reuniões da escola, faltam em caso de doença, além de qualquer tipo de acompanhamento necessário, seja escolar, médico ou, até mesmo, no transporte para alguma festinha, sendo que neste último item, os maridos relataram ter contribuído. A família e as empregadas geralmente auxiliam nesse cuidado, apesar de em alguns casos, o casal dar conta sozinho, colocando em alguma instituição escolar com horário integral e se desdobrando para levar a criança ao médico, etc. A atuação masculina mostrou-se assim predominantemente complementar à da mulher, salvo naqueles casos, pouco comuns, em que o homem dispunha de horários de trabalho flexíveis e a mulher não.

Quanto à apreciação pessoal sobre a divisão de tarefas revelou-se uma discrepância nos discursos dos entrevistados. Os homens referiram-se, como vimos, à sua própria participação nas tarefas como mais intensa e relevante do que aquela percebida pelas mulheres. Elas, por sua vez, se vêem fazendo mais do que eles e algumas se ressentem desta situação manifestando o desejo de dispor de mais tempo para si mesmas. O princípio teórico do fenômeno de atribuição de causalidade parece dar conta destas diferenças percebidas entre homens e mulheres quando julgam a si

mesmo ou ao outro, atribuindo responsabilidades distintas nas tarefas realizadas, ora quando são atores e ora quando observadores (Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2003). Porém, quando questionamos o que deveria ser modificado no outro, ou seja, “o que o outro não faz, mas deveria fazer” ou “o que o outro faz e você gostaria de fazer com ele ou no lugar dele”, nos surpreendeu a resposta da maioria, que acreditava não haver necessidade de mudanças. Percebemos que apesar de uma sobrecarga ainda feminina, não há um conflito de opiniões, reforçando a idéia que os antigos papéis de gênero ainda são os mais aceitos.

COMENTÁRIOS FINAIS

Os resultados por nós encontrados são compatíveis com os apurados em outras pesquisas sobre o mesmo tema, tanto no Brasil quanto no exterior. Araújo e Scalon, (2005), por exemplo, já citadas por nós, ao apresentar os resultados da pesquisa “Gênero, Trabalho e Família em Perspectiva Comparada”, realizada no Brasil, mas em segmento social diferente (classes populares), referem-se a percepções muito semelhantes com relação à divisão de tarefas: a exemplo do que ocorre na classe média, os homens são coadjuvantes nas responsabilidades domésticas. A pesquisa em questão identifica também uma falta de sintonia na percepção de homens e mulheres sobre a divisão de tarefas. As mulheres a percebem como mais assimétrica enquanto os homens julgam-na mais equitativa, embora ambos demonstrem uma acentuada discrepância entre o que fazem e o que a(o) companheira(o) considera que realmente é feito pela(o) parceira(o).

Estas distinções também se apresentam em pesquisa realizada por Davis e Greenstein (2004), que ao comparar as situações em países tão variados como EUA, Japão, Hungria, Rússia entre outros, apuraram que os homens tendem a superestimar a sua contribuição nas tarefas domésticas, o que as mulheres não fazem, ao menos, com a mesma intensidade.

Em quaisquer dos casos, é visível uma distância considerável entre o discurso e a prática, sendo certo que mesmo os homens cuja atitude é positiva em relação à divisão de tarefas, ainda adotam um comportamento não compatível com tais convicções. O que resulta curiosa é a ainda aceitação pelas mulheres de uma situação flagrantemente iníqua, em consonância com a idéia do conceito de tradicionalização. Este conceito diz respeito ao fato de homens e mulheres, após se tornarem pais/mães, adotarem posturas mais tradicionais no que tange a seus papéis parentais e em suas divisões de trabalho

doméstico, apesar de possíveis atitudes igualitárias anteriores. Esta tendência para a assunção de papéis femininos e masculinos mais estereotipados se daria independentemente do status profissional das mulheres, nível educacional, ou das atitudes de gênero e divisões de trabalho preexistentes por parte dos casais. Assim, a divisão de trabalho doméstico costuma ser mais tradicional do que ambos os pais esperavam, dão o epíteto em questão (Brasileiro, Jablonski e Féres-Carneiro, 2002; Cowan e Cowan, 2000).

Em suma, o que verificamos é que há ainda um longo percurso a ser percorrido pelos casais no caminho da igualdade, algo que surpreendentemente não está sendo percebido tão dificultoso ou conflitivo quanto nos parecia antes de levarmos a cabo a presente pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, C. e Scalon, C. (2005). *Gênero, família trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.
- Artis, J. E. E Pavalko, E. K. (2003). Explaining the decline in women's household labor: Individual change and cohort differences. *Journal of Marriage and the Family*, 65, 746-761.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Martins Fontes.
- Bianchi, S.M., Milkie, M.A., Sayer, L.C. & Robinson, J.P. (2000). Is anyone doing the housework? Trends in the gender division of household labor. *Social Forces*, 79, 191-228.
- Blair, S. L. (1988). Work roles, domestic roles, and marital quality: perceptions of fairness among dual-earner couples. *Social Justice Research*, 11, 313-336.
- Brasileiro, R. F., Jablonski, B. e Féres-Carneiro, T. (2002). "Papéis de Gênero e a Transição para a Parentalidade". Revista *PSICO*, 33, 2, JUL/DEZ., p. 289-310.
- Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Modeling and measuring the social

- embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1208-1233.
- Coontz, S. (1997). *The way we really are: coming to terms with America's changing families*. N.Y.: Basic Books.
- Coontz, S. (2005). *Marriage, a history*. N.Y.: Viking.
- Coverman, S. e Shelley, J. F. (1986) - "Change in Men's Housework and Child-Care Time, 1965-1975". *Journal of Marriage and the Family*, 48, 3, may, 413-422.
- Cowan, C.P. & Cowan, P. A. (2000). *When partners become parent: the big life change For couples*. New Jersey: LEA.
- Daly, K. J. (2003). Deconstructing Family Time; From ideology to Lived Experience. *Journal of Marriage and the Family*, 63, may, 283-294.
- Davis, S. N. & Greenstein, T. N. (2004). Cross-National variations in the division of household labor, *Journal of Marriage and the Family*, 66, 4, 1260-1271.
- Demo, D. H. (1992) - "Parent-Child Relations: Assessing Recent Changes. *Journal of Marriage and the Family*, feb., 54, 1, 104-117.
- Demo, D. H. (2007). What is the divorce rate? A complicated answer to a simple question. *Family Focus*, F1-F2, December, 2007
- Diniz, G. R. S. (1996). Dilemas de Trabalho, Papel de Gênero e Matrimônio em Casais que Trabalham Fora em Tempo Integral. Em T. Feres-Carneiro (org.) *Relação Amorosa, Casamento, Separação e Terapia de Casal*. Coletâneas da ANPEPP, 1, 1, Rio de Janeiro.
- English-Lueck, J. A. (2001). Technology and social change: the effects on family. *Family Focus*, F2-F5, march, NCFR.
- Epstein, R. (2002). My words, *Psychology Today*, feb., 2, p. 5.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio entre a individualidade e a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 2, 379-394.
- Féres-Carneiro (2001), Casamento contemporâneo: Construção da identidade conjugal. Em T. Féres-Carneiro (org.), *Casamento e família: do social à clínica*. P. 67-80.
- Folha de São Paulo (2007). A Família Brasileira – Pesquisa nacional Datafolha. *Caderno Especial, Folha de São Paulo*, edição de 7/10/2007.
- Fuwa, M. (2004). Macro-level gender inequality and the division of household labor in 22 countries. *American Sociological Review*, 69, 6, 751-767.
- Goldenberg, M. (2000). De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos

- no mercado de trabalho e nas relações conjugais. Em M. P. Goldenberg (org.), *Os novos desejos*, p. 105-124. Rio de Janeiro: Record.
- Greenstein, T. N. (1996). Gender ideology and perceptions of the fairness of the division of household labor: Effects on marital quality. *Social Forces*, 74, 1029-1042.
- Herniques, C. R. (2003). "Geração Canguru": o prolongamento da convivência familiar. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.
- IBGE IX (2000). Recenseamento Geral do Brasil.
- IBGE (2005). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*, Rio de Janeiro.
- Jablonski, B. (1988). *A crise do Casamento Contemporâneo: Um estudo psicossocial*. Tese de Doutorado, FGV/RJ.
- Jablonski, B. (1996). A Aferição de Atitudes de Jovens Solteiros(as) Frente à Crise do Casamento: uma Réplica. *Cadernos de Psicologia, Série Social e Institucional*, IP/UERJ, 5, 5-21.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a Vida nos Separe: a Crise do Casamento Contemporâneo*, 2ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2001). Atitudes frente à Crise do Casamento. Em T. Feres-Carneiro (org.), *Casamento e Família: do Social à Clínica*. P. 81-95; Rio de Janeiro: ed. NAU.
- Jablonski, B. (2003). "Afiml, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. Em T. Féres-Carneiro (org.), *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. P. 141-168. Rio de Janeiro: EDPUC/Loyolla.
- Jacobs, J. W. (2004). Seven myths that can kill your marriage. *Psychology Today*, 37, 2, 34-38.
- Jacobs, J. e Grson, K. (1998). Who are the overworked Americans? *Review of Social Economy*, 4, 442-459.
- Kluver, E. S., Heesink, J. A. M. e Van de Vliert, E. (1996). Marital conflict about the division of household labor and paid work. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 958-969.
- Lavee, Y. e Katz, R. (2002). Division of labor, perceived fairness, and marital quality: The effect of gender ideology. *Journal of Marriage and the Family*, 64, 27-39.
- LE MONDE. (2000). "Famille: les "nouveaux pères" ont disparu. Edição de

27/05/2000.

- Mack, A. (2001). The intersection of family life and technology. *Family Focus*, F4-F6, march, NCFR.
- Magalhães, A. S. (1993). *Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo*. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.
- Manning, W. E.; Longmore, M. A. e Giordano, P. C. (2007). The Changing Institution of Marriage: Adolescents' Expectations to Cohabit and to Marry. *Journal of Marriage and the Family*, 69, 3, 559-575.
- Milkie, M. e Peltola, P. (1999). Playing all the roles: Gender and the work-family balancing act. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 476-490.
- Pleck, J. H. (1997). *Paternal involvement: Levels, sources and consequences*. In: M. E. LAMB (ed.). *The role of the father in the child development*. New York: Wiley, p. 66-103.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). Quando o executivo é uma "dama": a mulher, a carreira e as relações familiares. Em T. Féres-Carneiro (org.) *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio/Loyola.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Variações sobre um antigo tema: a Maternidade e a paternidade para mulheres com uma carreira profissional bem sucedida. *Trabalho apresentado na X Reunião da ANPEPP*, Praia Formosa, E. Santo.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? *Psicologia Clínica*, vol. 15, 2, p. 93-108.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. Em Em Terezinha Féres-Carneiro, (org.) *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 203-228).
- Rodrigues, A, Assmar, E. e Jablonski, B. (2003). *Psicologia Social*. 23ª edição. Vozes: Petrópolis.
- Russell, G. e Radojevic, M. (1992). The changing of role fathers? Current understandings and future directions for research and practice. *Infant Mental Health Journal*, 13, 296-311.
- Skolnick, A. (2006). The family and its future. *Family Focus*, dec., F3-F4.
- Thistle, S. (2006). *From marriage to the market.: The transformation of women's lives And work*. L.A: Univ. of California Press

- Thornton, A. e Young-Demarco, L. (2001). "Four Decades of Trends Toward Family Issues in the United States: The 1960s through the 1990s. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 4, 1009-1037.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Wood, L. (1998). Divorce Statistics. Publicação *on-line*.
[Http://ddl.digital.net/~laurieg/culture/divorce.htm](http://ddl.digital.net/~laurieg/culture/divorce.htm).

Participantes da Pesquisa:

Viviane Richardson, Mariana Cotrim, Thais Graeff, Maria Elisa, Thays Assis (FAPERJ), Aline Zeque Moutinho (FAPERJ), Kessia da Rocha Mattos Coelho (FAPERJ), Carolina Passos Telles Ribeiro, Renata C. Cavour (PIBIC) (GRADUANDOS), Alberto Carneiro B. de Souza (MESTRANDO), Adriana Nunan (DOUTORANDA).

ANEXO
ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Grupo 1: (informações gerais sobre o entrevistado)

1. Qual a sua idade?
2. Há quanto tempo você está casado(a)?
3. Você tem filhos? Quantos e de que idades? Eles moram com você?
4. Qual a sua profissão?
5. Quantas horas por dia você normalmente trabalha?

Grupo 2: (opinião sobre o casamento e a educação dos filhos)

6. Na sua opinião, o que faz durar um casamento?
7. Para você, quais as vantagens e as desvantagens de estar casado(a)?
8. O que você faz ou faria diferente de seus pais em relação ao casamento e à educação dos filhos?

Grupo 3: (lazer)

9. Vocês costumam sair juntos? Sós ou com os filhos?
10. Com que frequência?
11. O que vocês costumam fazer, normalmente?
12. Você costuma sair sem ele/ela?

Grupo 4: (vida doméstica cotidiana)

13. Como você descreveria o seu dia-a-dia?
14. Vocês têm ajuda de alguém para as tarefas domésticas?
15. De quem? (empregada regular, diarista, folguista, familiares ou agregados)
16. De que forma eles ajudam?
17. Quais as tarefas domésticas que cabem a você? E a seu marido/esposa? (abastecer a casa, providenciar reparos, cozinhar, limpar, cuidar da roupa, efetuar pagamentos, etc.)

Grupo 5: (cuidado dos filhos)

18. Com relação aos filhos, que tarefas são realizadas por você e quais por seu marido/esposa? O que fazem em cooperação? (cuidar da higiene e alimentação, auxiliar nas tarefas da escola, acompanhar a médicos/dentistas, comparecer às reuniões da escola, transportar para atividades extracurriculares, acompanhar a festinhas de aniversário e outras atividades de lazer, etc.)

19. Nestas atividades, vocês contam com ajuda de alguém?
20. De quem? (babá, empregada, folguista, pessoa da família ou agregados)
21. Se um filho fica doente, quem falta ao trabalho?

Grupo 6: (apreciação pessoal sobre a divisão das tarefas)

22. O que você acha que seu marido/mulher não faz e deveria fazer?
23. O que você faz e não gostaria de fazer?
24. Há algo que seu marido/mulher faz e que você gostaria de fazer com ele/ela ou no lugar dele/dela?
